

MAPA ECONÔMICO DO RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, segunda-feira, 10 de julho de 2023

1ª edição

Região Sul
Campanha
Fronteira Oeste



Desenvolvimento do Sul, Campanha e Fronteira Oeste passa pela energia renovável

Com tradição no agro, região tem projetos de parques eólicos bilionários, investimento em biorrefinaria e prospecta produção de hidrogênio verde

Santana do Livramento, que já tem parque eólico da CGT Eletrosul, é um dos municípios que deverão receber novos empreendimentos

Carta do editor

O desafio de mapear a economia do RS



MARCO QUINTANA ARAÚJO

Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

O Mapa Econômico do Rio Grande do Sul é um projeto ambicioso, considerando a riqueza e a diversidade da economia do Estado. Mas também é um desafio a que nos propusemos nos 90 anos do Jornal do Comércio porque está em linha com o nosso trabalho do dia a dia.

Como diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul, ao publicar matérias sobre novos negócios e empreendimentos, o Jornal do Comércio está, de certa forma, fazendo um raio-X da economia gaúcha a cada edição.

Em uma dimensão maior, ao longo do ano, publicamos conteúdos especiais sobre setores da economia gaúcha, aprofundando temas e revelando tendências.

O caráter de formulação está em apresentar informações novas ao grande público, permitindo pensar e projetar o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.

Isso é possível através de

um trabalho de jornalismo de dados, em que juntamos e analisamos informações, em alguns casos publicadas ao longo do tempo isoladamente. A partir dessa “visão da floresta”, de conjunto dos dados, conseguimos trazer novas informações.

Um exemplo é a pesquisa Marcas de Quem Decide, que revela anualmente a preferência e a lembrança de marcas em 75 setores da economia gaúcha, há 25 anos. A evolução desse mapeamento de marcas permite ver as transformações no mercado ao longo do tempo.

Outro exemplo desse trabalho de dados é o nosso Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul. Ele começa no dia a dia, já que, em quase todas as suas edições, o Jornal do Comércio publica informações de novos empreendimentos em solo gaúcho: uma rede de varejo que abre novas unidades, uma indústria que expande a produção, uma estrada que é ampliada, um parque eólico que é instalado.

Olhando essas notícias de forma pontual, no dia, trata-se

Faremos cinco encontros regionais para ouvir lideranças locais dos mais diferentes setores da economia gaúcha

apenas de mais um dado, a iniciativa de uma empresa, de uma prefeitura, de um governo, de uma cooperativa... Evidentemente, tem seu valor para o setor e para o momento em que acontece.

Agora, quando reunimos todos os dados, todas as notícias de investimentos realizados em um determinado lugar, no nosso caso, em solo gaúcho, temos um panorama completo dos aportes feitos. E aí trazemos um indicador novo, que é a soma dos investimentos no Rio Grande do Sul anunciados ou realizados ao longo de um ano.

Em 2022, por exemplo, na quinta edição do Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, mapeamos 300 aportes anunciados ou realizados no Estado, pela iniciativa privada ou pelo poder público. E identificamos a cifra total de R\$ 62 bilhões de investimentos no Rio Grande do Sul.

Trata-se de um indicador, que pode ser comparado com os anos anteriores, já que o Anuário já teve cinco edições. E também pode ser analisado regionalmente – quanto cada região recebeu de investimentos. Por exemplo, desses R\$ 62 bilhões, cerca de R\$ 10 bilhões foram na Região Sul, na Campanha e na Fronteira Oeste do Estado. E há, ainda, uma tendência de grandes investimentos em infraestrutura, notadamente parques eólicos.

Esses casos ilustram a importância estratégica de

informações e indicadores para nortear decisões e saber onde estamos e para onde vamos.

De uma certa forma, é o objetivo desse projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul. Trazer novos indicadores, tão importantes para uma visão de futuro. Identificar oportunidades e ver os desafios.

E como vamos fazer esse mapeamento? Esse projeto é pensado desde o ano passado e foi implementado no início deste ano, com entrevistas de empresários e economistas, análise de dados, consulta a relatórios de entidades empresariais e de órgãos públicos, tudo isso para fazer um mapa da economia do Rio Grande do Sul.

Além disso, faremos cinco encontros regionais para ouvir as lideranças locais dos mais diferentes setores. Dividimos o Rio Grande do Sul em cinco grandes regiões, reunidas conforme semelhanças e proximidade geográfica:

- 1 Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste;
- 2 Região Centro e Vales do Taquari e Rio Pardo;
- 3 Região Norte, Missões e Noroeste;
- 4 Região da Serra e dos Campos de Cima da Serra;
- 5 Região Metropolitana, Litoral, Vales do Sinos e Caí.

O primeiro evento regional ocorreu em Pelotas, em 23 de junho, quando debatemos oportunidades e desafios para o desenvolvimento econômico das regiões Sul, Campanha e

Fronteira Oeste, ouvindo atores locais da indústria, agronegócio, varejo, infraestrutura, academia, municípios e poder público.

Nos próximos meses, serão realizados eventos em Santa Cruz do Sul, Passo Fundo, Caxias do Sul e Porto Alegre. As cinco edições de conteúdos especiais, com o detalhamento das cadeias produtivas e da economia dessas regiões, serão publicadas duas semanas após cada encontro.

Esse é o primeiro conteúdo especial da série, com um mapa das principais atividades das regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste. É uma área do Estado com grande potencial de desenvolvimento, tanto no agronegócio, em que já tem tradição, quanto na área de infraestrutura, notadamente com novos projetos eólicos e a possibilidade de produção de hidrogênio verde, tendo o Porto de Rio Grande como base.

Evidentemente, a economia dessas regiões é diversa e tem muitas outras potencialidades, como mostraremos ao longo desse especial.

Finalmente, cabe observar que a economia está sempre em transformação, o que permite projetar que essa edição do Mapa Econômico será a primeira de uma série, mostrando, ao longo dos anos, as mudanças nas diferentes regiões e, de forma comparativa, trazendo tendências e indicadores.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

■ Editor-Chefe:

Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

■ Editor-executivo:

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

■ Editora de Economia:

Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

■ Reportagem:

Eduardo Torres, Guilherme Kolling e Patrícia Lima

■ Projeto gráfico e diagramação:

Luís Gustavo Van Ondheusden

ÍNDICE

O desafio de mapear a economia do RS	página 2	Cultivo do arroz é marca da região	página 16
A divisão do Estado em cinco regiões	página 4	Nova fronteira da soja	página 16
Um retrato regional em números	páginas 6 e 7	Plantio de eucalipto se destaca	página 17
Porto de Rio Grande é canal para o mundo	página 8	Pecuária no Pampa garante carne de qualidade	página 18
Porto Indústria tem 54 plantas instaladas	página 9	Da uva ao vinho na Campanha e Fronteira Oeste	página 19
Um polo produtivo de fertilizantes	página 10	Olivais no campo e fabricação de azeites	página 20
Biorrefinaria e complexo a gás em Rio Grande	página 11	Crédito para diminuir desigualdades	página 21
Um mapa de oportunidades	páginas 12 e 13	Território transformado pela inovação	página 22
Projetos eólicos preveem investimentos	página 14	Sustentabilidade a partir da pesquisa	página 23

GOVERNO DO ESTADO INVESTE NO DESENVOLVIMENTO DAS REGIÕES SUL, CAMPANHA E FRONTEIRA OESTE.

O governo do Estado marca sua presença no Mapa Econômico do Rio Grande do Sul.

Com recursos que chegam a um total de R\$ 814,2 milhões, diversos municípios recebem investimentos, garantindo à população que suas necessidades sejam atendidas e fazendo a economia girar.



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

O futuro nos une.



Reportagem Especial

A divisão do Estado em 5 grandes regiões

Mapa Econômico do RS segue critério da Secretaria de Planejamento do Estado

Eduardo Torres
economia@jornaldocomercio.com.br

A radiografia regionalizada da economia do Rio Grande do Sul é instrumento permanente para pesquisadores, economistas, governos e potenciais investidores.

Ao completar 90 anos de circulação, o Jornal do Comércio construirá este mapeamento em cinco especiais com grandes reportagens. O primeiro, nesta edição, aborda as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste.

As características geográficas, culturais e históricas do Rio Grande do Sul não são uniformes. Por isso, pensar a economia do Estado exige identificar os vários territórios entre os 497 municípios gaúchos, com seus 21,7 mil quilômetros quadrados.

Além disso, radiografar a economia do Rio Grande do Sul de maneira regionalizada, para que se possa compreender cada característica

e potencial local, é uma tarefa permanente.

“O Estado tem, entre as suas atividades econômicas, muitas especialidades bastante distintas entre si. Tratar a análise econômica e todo o planejamento de forma regional é a maneira mais adequada de levarmos em consideração, por exemplo, as vocações regionais, que respeitam fatores históricos, climáticos e ambientais, como fluxos populacionais específicos, que condicionam a forma como se deu o desenvolvimento de uma determinada região, e qual a tendência futura”, explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), Rodrigo Feix.

Compreender estas nuances é essencial na elaboração de políticas de desenvolvimento

pelo governo, mas também elemento fundamental para a iniciativa privada em busca de maior eficiência em potenciais investimentos no Rio Grande do Sul.

Em cada região analisada, o mapeamento trará características locais e potencialidades de indústria, agricultura, serviços, varejo e investimentos em infraestrutura. Serão apresentadas as principais iniciativas em cada um destes setores.

Para a divisão de regiões, foi adotado o critério estabelecido pela Secretaria do Planejamento

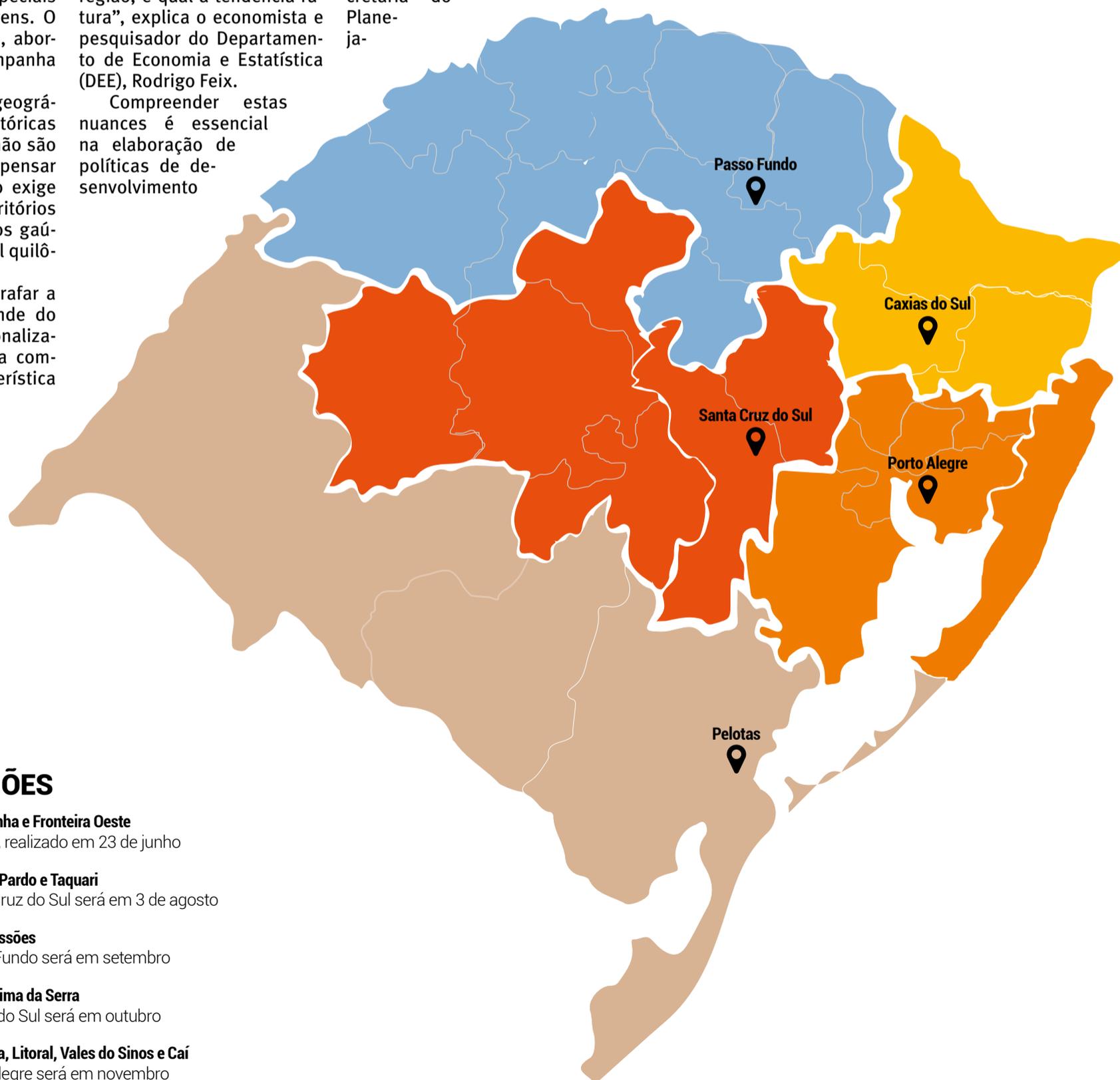
do Estado, que divide o Rio Grande do Sul em nove regiões funcionais. Elas foram agrupadas em cinco regiões, de acordo com afinidades e proximidade geográfica.

Para o economista Rodrigo Feix, esta forma de organização considera a regionalização “de baixo para cima”, e permite uma melhor percepção das diferenças locais, muitas vezes não perceptíveis a um olhar distante, na economia gaúcha.

“Muitas vezes um movimento leva algum tempo a mais para ser

percebido por um mapeamento, por isso, quando se trata da análise regional, cruzamos diversos aspectos, com tempo de resposta às ações governamentais ou privadas mais curtos ou longos em nossas análises”, explica.

Cada capítulo deste trabalho será acompanhado de painéis regionais, em que lideranças dos diversos setores são ouvidas para apontar rumos e desafios. O primeiro encontro, relacionado a esta edição, ocorreu em 23 de junho no Pelotas Parque Tecnológico.



AS CINCO REGIÕES

- **Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Pelotas, realizado em 23 de junho
- **Centro, Vales do Rio Pardo e Taquari**
Evento em Santa Cruz do Sul será em 3 de agosto
- **Norte, Noroeste e Missões**
Evento em Passo Fundo será em setembro
- **Serra e Campos de Cima da Serra**
Evento em Caxias do Sul será em outubro
- **Região Metropolitana, Litoral, Vales do Sinos e Caí**
Evento em Porto Alegre será em novembro



Knowledge grows

Jornal do Comércio: Há 90 anos, nutrindo o Rio Grande do Sul com informações relevantes e análises contextualizadas.

De nutrição, a Yara entende. Nós trabalhamos pela excelência da nutrição de plantas através de fertilizantes de alta tecnologia. Nas páginas do jornal, a nossa união sempre traz boas notícias aos gaúchos, apresentando nossos investimentos e resultados que ajudam a gerar empregos e renda. Juntos, buscamos incentivar o desenvolvimento do estado, sobretudo no futuro do agronegócio.

A Yara parabeniza o Jornal do Comércio pelas nove décadas de comprometimento com o jornalismo de qualidade.



Dados sobre o PIB

Região Sul	
R\$ 27,65 bilhões (dados de 2020: representa 5,87% em relação ao PIB do RS naquele ano)	
Município	PIB em 2020
Rio Grande	R\$ 9.971.941.480
Pelotas	R\$ 9.494.825.879
Canguçu	R\$ 1.218.424.301
Santa Vitória do Palmar	R\$ 1.144.567.114
São Lourenço do Sul	R\$ 1.126.353.198
Jaguarão	R\$ 747.053.269
Arroio Grande	R\$ 615.382.929
Capão do Leão	R\$ 610.700.307
Piratini	R\$ 498.860.451
São José do Norte	R\$ 463.692.618
Pinheiro Machado	R\$ 304.330.055
Chuí	R\$ 303.980.113
Pedro Osório	R\$ 145.746.194
Pedras Altas	R\$ 144.473.286
Santana da Boa Vista	R\$ 143.197.691
Herval	R\$ 142.340.217
Amaral Ferrador	R\$ 116.945.440
Cerrito	R\$ 106.870.718
Morro Redondo	R\$ 103.582.091
Turuçu	R\$ 95.529.987
Tavares	R\$ 92.982.768
Arroio do Padre	R\$ 59.404.729

Campanha	
R\$ 6,74 bilhões (dados de 2020, representa 1,43% em relação ao PIB do RS naquele ano)	
Município	PIB em 2020
Bagé	R\$ 3.147.704.990
Candiota	R\$ 1.578.189.446
Dom Pedrito	R\$ 1.400.215.196
Caçapava do Sul	R\$ 853.110.559
Encruzilhada do Sul	R\$ 594.377.783
Lavras do Sul	R\$ 269.618.551
Aceguá	R\$ 264.485.444
Hulha Negra	R\$ 213.292.632

Fronteira Oeste	
R\$ 17,04 bilhões (dados de 2020, representa 3,61% em relação ao PIB do RS em 2020)	
Município	PIB em 2020
Uruguaiana	R\$ 2.840.205.505
Santana do Livramento	R\$ 2.305.549.649
Alegrete	R\$ 2.237.243.540
São Borja	R\$ 1.997.131.955
São Gabriel	R\$ 1.928.298.001
Itaqui	R\$ 1.571.169.036
Rosário do Sul	R\$ 975.956.388
Quaraí	R\$ 499.432.317
Maçambará	R\$ 331.615.518
Manoel Viana	R\$ 278.462.719
Santa Margarida do Sul	R\$ 210.683.926
Barra do Quaraí	R\$ 195.311.472
Itacurubi	R\$ 95.671.573

Fonte: Secretaria de Planejamento do Estado do RS

DADOS SOBRE O PIB

■ A Região Sul concentra aproximadamente **5,8% do PIB do Estado em 2020 (R\$ 27,65 bilhões)**, sendo **70,4% (R\$ 19,4 bilhões de PIB em 2020)** concentrados entre Pelotas e Rio Grande.

■ A Fronteira Oeste e a Campanha tem **participação regional de 5,04% do PIB do Rio Grande do Sul em 2020 (R\$ 23,78 bilhões)**.

■ Somadas, as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste representam **10,8% do PIB do Rio Grande do Sul** – os dados são do último ano com dados municipais detalhados, 2020, quando PIB do RS foi de R\$ 470,94 bilhões.

■ Em 2022, o **PIB do RS chegou a R\$ 594,96 bilhões**

Dados sobre o Valor Adicionado Bruto (VAB) por região

■ O perfil econômico da região é traduzido pelo **Valor Adicionado Bruto (VAB)**, que mostra o quanto cada setor contribui dentro do que é produzido nos municípios. O PIB de um município, por exemplo, é formado pela soma do VAB dos setores e a arrecadação de impostos resultantes da produção.

■ Em Rio Grande, está o principal distrito industrial do Estado, junto ao Porto. Lá, concentram-se polos como o dos fertilizantes e de industrialização da soja na região. Conforme o levantamento do Departamento de Economia e Estatística, da Secretaria de Planejamento, em seus Indicadores Municipais, está em Rio Grande o maior VAB industrial das regiões Sul, Fronteira e Campanha, com **R\$ 2,6 bilhões** em 2020.

■ Já em relação ao VAB Agropecuário, há maior equilíbrio entre os municípios da região. Alegrete, que tem o maior rebanho bovino do Estado e uma das maiores áreas plantadas de arroz, lidera, com **R\$ 488,6 milhões** registrados em 2020.

■ Estão nos dois principais centros urbanos desta região, Rio Grande e Pelotas, que concentram **70,4% do PIB do Sul**, os principais valores de VAB no setor de Serviços, que representam **R\$ 7,2 bilhões em Pelotas e R\$ 5,5 bilhões em Rio Grande**.

■ O VAB da agropecuária na Fronteira Oeste e Campanha representa, por exemplo, **22,5% do PIB regional**, o dobro da média estadual.

VAB Industrial

Rio Grande	R\$ 2,6 bilhões
Pelotas	R\$ 1,1 bilhão
Santana do Livramento	R\$ 431 milhões
Bagé	R\$ 350 milhões
Santa Vitória do Palmar	R\$ 342 milhões
Uruguaiana	R\$ 303 milhões
Candiota	R\$ 302 milhões
Itaqui	R\$ 279 milhões
São Borja	R\$ 265 milhões
Alegrete	R\$ 243 milhões

VAB Agropecuário

Alegrete	R\$ 488 milhões
Dom Pedrito	R\$ 427 milhões
São Gabriel	R\$ 417 milhões
Santa Vitória do Palmar	R\$ 415 milhões
Itaqui	R\$ 414 milhões
São Borja	R\$ 405 milhões
Uruguaiana	R\$ 402 milhões
Canguçu	R\$ 340 milhões
Santana do Livramento	R\$ 293 milhões
Rio Grande	R\$ 257 milhões

VAB Serviços

Pelotas	R\$ 7,2 bilhões
Rio Grande	R\$ 5,5 bilhões
Bagé	R\$ 2,3 bilhões
Uruguaiana	R\$ 1,9 bilhão
Santana do Livramento	R\$ 1,4 bilhão
Alegrete	R\$ 1,4 bilhão
São Borja	R\$ 1,2 bilhão
São Gabriel	R\$ 1,13 bilhão
Dom Pedrito	R\$ 769 milhões
Canguçu	R\$ 761 milhões

LOGÍSTICA

PORTOS RS/DIVULGAÇÃO/JC



Somente no primeiro quadrimestre deste ano, 1.046 embarcações chegaram à cidade

Porto de Rio Grande é canal aberto para o mundo

Cerca de 25% do PIB gaúcho circula pelo maior ponto logístico de movimentação da economia do Estado

Eduardo Torres

economia@jornaldocomercio.com.br

A principal porta de entrada e saída de tudo o que é produzido no Estado está na Região Sul: trata-se do Porto de

Rio Grande. Foi no século XVIII que, pela primeira vez, oficialmente, uma embarcação transpôs a barra que dava entrada à embocadura da Lagoa dos Patos. Vista do oceano, mais parecia a foz de um grande rio. Daí o nome da localidade de Rio Grande.

Somente um século depois, iniciaram as ações de facilitação da navegação pela barra que, de fato, abririam a porta natural para a economia do futuro estado do Rio Grande do

Sul. Hoje, o porto é a principal via logística da produção econômica gaúcha. Pelo complexo, passam pelo menos 25% do PIB do Estado. Nos últimos 10 anos, foram movimentados, entre importações e exportações, 389,6 milhões de toneladas de produtos por esta via. A imensa maioria formada por grãos e produtos relacionados ao agronegócio.

Somente no primeiro quadrimestre deste ano, de acordo com a Portos RS, 1.046

embarcações chegaram a Rio Grande. Em todo o ano passado, 2.815 embarcações transitaram pelo porto.

“É um porto que tem a sua grande força, como um reflexo da nossa economia do Estado, na agropecuária. Por aqui, movimentamos desde soja, trigo, milho até celulose ou fertilizantes. Mas temos um terminal de contêineres e áreas de apoio muito eficientes. E este é um diferencial no momento da definição de investimentos não apenas em relação à via logística que o porto representa, mas também para o desenvolvimento de cadeias produtivas junto do porto”, aponta o presidente da Portos RS, Cristiano Klinger.



TÂNIA MEINERZ/JC

Klinger, da Portos RS, destaca força da agricultura no terminal

Porto Seco de Uruguai faz ligação com Argentina

PREFEITURA URUGUAIANA/DIVULGAÇÃO/JC

Por terra, a Ponte Internacional entre Uruguai e Paso de los Libres foi recentemente restaurada. O trecho histórico de ligação entre Brasil e Argentina recebe pelo menos 700 caminhões diariamente, com o tráfego de mais de US\$ 10 bilhões em mercadorias anualmente. Conforme a Receita Federal, pelo menos 25% de todas as exportações terrestres para aquele país e o Chile cruzam por esta ponte.

Está em Uruguai, em uma área de 167 mil metros quadrados, o segundo maior porto seco do Brasil e da América Latina, tendo



Pela ponte, na fronteira, passam 700 caminhões diariamente

contabilizado, no ano passado, US\$ 5,6 bilhões em exportações para Argentina e Chile. Em momentos de pico, o porto seco

chega a receber mais de 1 mil caminhões simultaneamente. Ao todo, 2 mil pessoas circulam diariamente pelo local.

Integração com Uruguai passa pela Hidrovia do Mercosul

O Porto de Rio Grande, como principal elo do Estado para negócios com o restante do País ou com o exterior, é uma das alternativas logísticas existentes na região que tem a fronteira com Argentina e Uruguai como uma característica geográfica com potencial econômico ainda a ser melhor explorado.

Por água, há o avanço do projeto de integração entre Brasil e Uruguai com a implementação da Hidrovia da Lagoa Mirim, ou Hidrovia do Mercosul. Um projeto

esperado pelo setor logístico há pelo menos 60 anos e que, conforme os governos dos dois países, começa a sair do papel neste ano, com investimentos na dragagem e na elaboração dos estudos ambientais e projetos executivos da obra.

A hidrovia abrange 1.860 quilômetros por meio da Lagoa Mirim e do Canal São Gonçalo. A estimativa é de que esta rota poderia transportar até 5 milhões de toneladas de cargas entre os dois países anualmente.

INDÚSTRIA

Porto Indústria tem 54 plantas instaladas

Distrito industrial em Rio Grande reúne 400 lotes em 2,5 mil hectares

A estrutura do Porto de Rio Grande abriga uma cadeia produtiva que envolve mais de 11 mil pessoas, desde as atividades portuárias até o distrito industrial, chamado Porto Indústria. É a principal concentração industrial em um distrito entre as regiões Sul, Fronteira Oeste e Campanha, retratadas neste capítulo do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul.

Fica, literalmente, do outro lado da rua em relação ao porto. Uma proximidade que faz toda a diferença na hora de investir. A perspectiva da Portos RS é de que, nos próximos 10 anos, a partir de investimentos feitos agora, a movimentação do principal porto gaúcho aumente pelo menos 25%.

“Um dos principais fatores considerados no momento da instalação de uma indústria é a proximidade de onde tenha saída. A ativação do polo naval, há alguns anos, foi o impulso para a mudança deste perfil em Rio Grande, que representa o diferencial logístico em relação à Campanha ou à Fronteira Oeste. O que vemos hoje não é somente um porto por onde é escoado o que se produz em outras regiões, mas a industrialização acontece ali”, diz o economista-chefe da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Giovanni Baggio.

Atualmente, são 54



GOVERNO DO ESTADO DO RS/REPRODUÇÃO/JC

Atualmente, são 54 empresas instaladas entre a área portuária e o distrito industrial de Rio Grande, sendo 39% delas relacionadas ao agro

empresas instaladas no Porto Indústria, sendo 39% relacionadas ao agronegócio. Ao todo, Rio Grande é sede de 271 indústrias.

Um dos destaques é a Bianchini, listada entre as maiores do Estado pela revista Amanhã em um levantamento que considera patrimônio, receita líquida e resultado líquido do exercício em 2021 – foi apontada como a terceira maior empresa da região Sul do Estado e a maior em termos de exportações.

A empresa comercializa 2,5 milhões de toneladas de grãos

por ano (14% da safra gaúcha e 2% da safra brasileira), vende in natura 1 milhão de toneladas por ano e emprega mais de 1 mil pessoas.

Somadas, as operações em Canoas e Rio Grande, que transformam grãos de soja em farelo e em óleo, têm capacidade de processar 1,5 milhão de toneladas por ano.

As exportações de soja em grão, farelo e óleo representaram 31,6% de tudo o que foi enviado a partir do Porto de Rio Grande no primeiro quadrimestre deste ano. “Historicamente,

a industrialização junto ao porto é pioneira no Estado, muito pelas condições favoráveis de logística e, mais recentemente, pela consolidação do aumento de valor das atividades industriais relacionadas ao agro, que sempre teve muita força na região. E temos ainda, como perspectiva, a região como um diferencial energético que é decisivo no momento de definir um investimento”, aponta o vice-presidente do Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul (Ciergs) para a Região Sul, Torquato Pontes Neto.



ANA TERRA FIRMINO/JC

Baggio, da Fiergs, vê uma forte industrialização em Rio Grande

Somos parceiros de quem faz da sustentabilidade e da inovação ferramentas indispensáveis para um futuro melhor.



A Yara Fertilizantes tem no RS a sua mais importante operação no Brasil



INDÚSTRIA

Um polo produtivo de fertilizantes para o agro gaúcho

Seis plantas industriais fornecem insumos para diferentes culturas em solo gaúcho

Eduardo Torres
economia@jornaldocomercio.com.br

O agronegócio movimentava 40% do PIB gaúcho, e condiciona diretamente um dos principais polos industriais do Sul do Estado. Estão em Rio Grande seis plantas industriais de produção de fertilizantes. Somadas, Yara, Heringer, Piratini, Josapar, Rio Grande Fertilizantes e Unifertil mobilizaram mais de R\$ 2,5 bilhões em investimentos na região nos últimos anos.

Para que se tenha uma ideia, a Fertilizantes Piratini está entre os braços do Grupo Fertipar, que responde por 15% do mercado brasileiro de fertilizantes. Já a Yara tem no Rio Grande do Sul, de acordo com o diretor de operações, Lucas Elizalde, a sua mais importante instalação no Brasil e a mais moderna na América Latina.

Junto ao porto, é possível conectar todas as etapas de produção com eficiência máxima, além de garantir todos os

modais de transporte do que é produzido em Rio Grande.

“É uma unidade extremamente eficiente, e com importância para a comunidade toda. Empregamos hoje 900 colaboradores, boa parte deles é moradora da região, que iniciou e se qualificou dentro da empresa. É um compromisso que temos com essa comunidade”, garante Elizalde.

Da unidade de Rio Grande, a Yara garante quase metade da demanda gaúcha por fertilizantes, com capacidade produtiva que chegará a 2,5 milhões de toneladas ainda em 2023. Uma pequena parcela da demanda brasileira, que chega a 40 milhões de toneladas. Hoje, no entanto, mais de 70% dos fertilizantes usados no Brasil ainda são importados.

Para produzir em Rio Grande, as indústrias importam a matéria-prima para os fertilizantes. E isso representou 60% das importações que movimentaram o Porto de Rio Grande no primeiro trimestre deste ano.

O fosfato, que teve 615,3 mil toneladas importadas entre janeiro e abril, é um dos principais elementos, que chega ao Rio Grande do Sul por navios.

No entanto, a Campanha Gaúcha está prestes a mudar, pelo menos localmente, esta lógica.

Deve começar a tomar forma neste ano, em Lavras do Sul, a primeira planta industrial para produção de fertilizantes a base de fosfato extraído ali mesmo. Resultado de mais de 10 anos de estudos e levantamentos da empresa Águia Fertilizantes.

“Já na fase de pré-produção, teremos até 120 empregos diretos. Vai, certamente, ser um empreendimento significativo para Lavras do Sul, com um aumento entre cinco e 10 vezes a circulação de valores na cidade. Além da própria produção que teremos, viemos trabalhando muito a questão do empreendedorismo na comunidade. Já surgiram pousadas, restaurantes, comércios. É uma cadeia produtiva toda que se desenvolverá e ainda beneficiará a produção rural gaúcha”, aponta o diretor da Águia Fertilizantes, Fernando Tallarico.

A estimativa é de que a Águia conseguirá produzir 330 mil toneladas de fertilizantes por ano, correspondendo a 15% de toda a demanda gaúcha

pelo produto. No primeiro momento, toda a produção da mina abastecerá a fábrica da Águia. No entanto, há potencial para crescimento.

“Nós fomos os primeiros a perceber e estudar o minério, mas há outros focos de fosfato em toda a Campanha, com um potencial de mudar a realidade gaúcha em relação à produção de fertilizantes”, diz Tallarico.

Somente em Lavras do Sul, o potencial da mina chega a 105 milhões de toneladas do minério. A autorização para exploração atual atinge somente 5 milhões de toneladas e garantirá 18 anos de produção para Águia.



Elizalde vê importância na região

TÂNIA MEINERZ/JC

DIVULGAÇÃO ÁGUIA FERTILIZANTES



Maquete eletrônica do projeto da Águia Fertilizantes em Lavras do Sul

ENERGIA

Biorrefinaria e complexo a gás devem impulsionar Rio Grande

Projeto energético com terminal de regaseificação é estimado em R\$ 6 bilhões, mas ainda depende da Aneel

Em 1937, o refino de petróleo no País teve início em Rio Grande, na atual Refinaria de Petróleo Riograndense. Ainda tem origem na refinaria, que garante R\$ 4 bilhões anuais de faturamento, 30% do mercado gaúcho de gasolina, óleo diesel, nafta petroquímica, óleo combustível, GLP (gás de cozinha), mas esta unidade industrial de 40 hectares

às margens da Lagoa dos Patos está prestes a recolocar Rio Grande no papel de pioneirismo no mundo dos combustíveis. A ideia é que a Refinaria Riograndense se torne a primeira do País totalmente transformada para o biorrefino de combustíveis 100% renováveis.

Ao lado do biocombustível, a região também espera que nos próximos anos possa ser concretizado o projeto de instalação de uma central de regaseificação de gás natural, atualmente só obtido no Estado pela importação, e uma unidade termelétrica para geração de energia a partir deste



REFINARIA DE PETRÓLEO RIOGRADENSE/DIVULGAÇÃO/JC

Refinaria Riograndense tem potencial de receber até R\$ 3,5 bilhões de investimentos nos próximos

produto. Os dois projetos transformadores têm potencial para injetar até R\$ 9,5 bilhões em Rio Grande nos próximos cinco anos.

Ao menos o investimento inicial, de R\$ 45 milhões, já está garantido. A partir de uma tecnologia desenvolvida pelo Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (Cenpes) da Petrobras, a unidade de FCC (craqueamento catalítico fluido) da refinaria será

preparada, no primeiro teste, previsto para novembro deste ano, com inovações de processo e sistema catalítico. Havendo êxito, ganham maior força os investimentos previstos de R\$ 3,5 bilhões na transformação estrutural da Refinaria Riograndense.

Em outra frente, o governo estadual tem se mobilizado para destravar, em Brasília, o projeto embargado pela Aneel em 2017,

e recentemente encampado pelo grupo espanhol Cobra para instalar um terminal de regaseificação de gás natural liquefeito (GNL) e construir a UTE Rio Grande, que será uma central termelétrica no município. Ao todo, o projeto prevê R\$ 6 bilhões em investimentos. A estimativa é de que a central tenha capacidade de produzir 1.238 MW de energia elétrica.

Aeroportos de Pelotas, Bagé e Uruguaiana entram na rota de novos voos regionais



CCR AEROPORTOS/DIVULGAÇÃO/JC

No ano passado, 34 mil passageiros voaram pelo terminal de Uruguaiana

Desde 2022, as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste do Estado entraram definitivamente na rota dos investimentos no aprimoramento da logística de transporte aéreo. Foi quando a CCR Aeroportos iniciou o período de concessão nos aeroportos de Pelotas, Bagé e Uruguaiana.

Somente em Pelotas, que é o maior entre os três municípios, o número de passageiros saltou de 23 mil em 2021 para 63 mil entre março de 2022 e março de 2023. Em Uruguaiana, o efeito foi o mesmo. Neste último ano, 34 mil passageiros passaram pelo terminal, o dobro dos 17 mil de 2021.

A partir de junho deste ano, foram anunciados novos voos entre as três cidades e Porto Alegre, entre dois e três semanais.

“As novas rotas entre Uruguaiana, Bagé e Pelotas para Porto Alegre são de extrema importância para o estado do Rio Grande do Sul. Essa expansão aérea proporcionará um aumento na conectividade entre diferentes regiões, promovendo o desenvolvimento econômico, turístico e social. Além disso, facilitará o acesso de moradores e visitantes ao Aeroporto Internacional Salgado Filho”, define a gerente executiva de Negócios Aéreos da CCR

Aeroportos, Grazielle Delicato.

E, até o final de 2024, a concessionária anuncia um pacote de R\$ 130 milhões para melhorias entre os três terminais aéreos. Nos três aeroportos, as intervenções previstas incluem adequação de Resa (área de segurança ao final da pista), além de adequação de sinalização na pista.

Em Pelotas e Uruguaiana, haverá reforma e ampliação dos terminais de passageiros. Já em Bagé, haverá melhorias pontuais no terminal de passageiros. Serão gerados 300 empregos no período de obras, previstas para iniciarem ainda neste mês de julho.



A gente faz muito, porque faz junto.

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul está construindo o futuro, a evolução, o desenvolvimento: da profissão, das pessoas, de um mundo melhor. E tudo isso só é possível porque é construído sempre a muitas mãos.

Acompanhe-nos nas redes sociais:

@crea.gaucho /creagaucho /creagaucho

www.crea-rs.org.br



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

PANORAMA

Um mapa de oportunidades para as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Conheça 15 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul

1. ENERGIA EÓLICA



A maior parte da potência instalada de energia eólica do Rio Grande do Sul está nas regiões Sul e Fronteira Oeste. Já existem importantes parques com aerogeradores em Santana do Livramento, Santa Vitória do Palmar, Chuí e Rio Grande. Além disso, projetos que somam cifras bilionárias estão previstos para Uruguaiana, Alegrete, Quaraí, Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul, Dom Pedrito, Santana do Livramento, Lavras do Sul, São Gabriel, Bagé, Piratini, Pinheiro Machado, Pedras Altas, Jaguarão, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Chuí, São José do Norte.

2. HIDROGÊNIO VERDE



Considerado o combustível do futuro, que poderá ser exportado, o hidrogênio verde precisa de energia renovável em grande escala – eólica e solar – para ser produzido. Além disso, demanda uma indústria e base portuária. O Porto de Rio Grande tem um dos principais projetos do País. Existe a possibilidade de instalação de parques eólicos offshore (no mar) e a criação de uma indústria de equipamentos para atender a essa demanda, com investimentos bilionários.

3. BIORREFINARIA E COMPLEXO ENERGÉTICO COM TERMELETRICA A GÁS



A Refinaria Riograndense, mais antiga do Brasil, criada em 1930, recebeu investimento para se tornar a primeira biorrefinaria integral no País. Também em Rio Grande, há o projeto de complexo a gás com terminal de regaseificação, que prevê um investimento de R\$ 6 bilhões. O grupo espanhol Cobra quer tocar o empreendimento, mas depende de aprovação da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Outra termelétrica, esta a carvão e em operação, está em Candiota.

5. FERTILIZANTES



Rio Grande concentra seis plantas industriais para a produção de fertilizantes que, nos últimos anos, mobilizaram R\$ 2,5 bilhões em investimentos para ampliação da produção. O polo de fertilizantes responde por 60% das importações no Porto de Rio Grande para atender à crescente demanda do agro brasileiro. O principal produto importado é o fosfato. Em Lavras do Sul, deve entrar em operação em 2024 a primeira planta de produção de fertilizantes abastecida por uma mina local, com estimativa de atender a 15% da demanda gaúcha pelo produto.

6. PECUÁRIA BOVINA



As regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste concentram 70% do rebanho de quase 12 milhões de animais destinados à pecuária bovina de corte do Rio Grande do Sul. Os maiores rebanhos estão concentrados em Alegrete, Santana do Livramento, Uruguaiana, Dom Pedrito e Rosário do Sul. A produção responde por 53% da demanda gaúcha por proteína animal. Em 2022, foram encaminhados 1,8 milhão de cabeças de gado para o abate. Na região, concentrados em Bagé, Alegrete e São Gabriel, estão cinco dos 16 frigoríficos credenciados no Rio Grande do Sul para o abate de bovinos. Também se descata a chamada carne premium, de maior valor agregado, com melhoramento genético e raças selecionadas.

7. TRADIÇÃO NO ARROZ



As regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste concentram 70,4% do arroz produzido no Brasil. O arroz corresponde a 10,6% do Valor Bruto da Produção do Rio Grande do Sul, em torno de R\$ 14,5 bilhões. As maiores áreas de cultivo estão em Santa Vitória do Palmar, Uruguaiana, Itaqui, Alegrete e Dom Pedrito. As maiores beneficiadoras de arroz do Estado estão instaladas em Itaqui, Pelotas e São Borja.



4. PORTOS, INDÚSTRIA E AEROPORTOS



O Porto de Rio Grande é a principal porta logística da economia gaúcha. Com o maior distrito industrial do Estado junto ao porto, desde 2020, a região recebeu R\$ 9,4 bilhões em investimentos. Também está na região um dos principais portos de águas internas do RS, em Pelotas. Na Fronteira Oeste, passam pelo Porto Seco de Uruguaiana 4,5% do PIB do Estado, no segundo maior porto seco da América Latina. E os aeroportos de Pelotas, Bagé e Uruguaiana foram concedidos e ampliaram suas operações.

8. NOVA FRONTEIRA DA SOJA



Entre 2010 e 2020, a área plantada de soja nas regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste saltou de 392 mil para 1,3 milhão de hectares, e já responde a pelo menos 28% da produção gaúcha do grão. Representa um potencial de Valor Bruto da Produção de pelo menos R\$ 17 bilhões. As maiores lavouras de soja na região estão em Dom Pedrito, São Gabriel, Piratini, Santa Vitória do Palmar e São Borja. No Porto Indústria de Rio Grande, estão instaladas algumas das principais beneficiadoras da soja destinada à exportação.

9. FLORESTAS PLANTADAS / EUCALIPTO

As regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste concentram 25% da área de florestas plantadas no Rio Grande do Sul. São pelo menos 260 mil hectares, a maior parte, 62%, com eucaliptos. Mas a produção também inclui acácia negra e pinus. As florestas plantadas abastecem a produção de celulose, papel, produtos de madeira e móveis. Os maiores plantios estão em Encruzilhada do Sul e Piratini. Ainda não há plantas de celulose instaladas nesta região, embora se discutam projetos há 20 anos. Em Rio Grande, há produção de cavacos e pellets a partir de florestas plantadas na região para exportação.

10. VINHOS

A região da Campanha Gaúcha conquistou o selo de indicação geográfica na produção de vinhos. São 4,1 milhões de hectares de uvas plantadas entre 14 municípios, com 267 rótulos e 5 milhões de litros de vinhos reconhecidos por esta procedência. Santana do Livramento tem a maior área plantada do Estado com uvas destinadas à indústria. Também se destacam pela produção Candiota, Bagé e Dom Pedrito.

11. OLIVAIS / AZEITE

O Rio Grande do Sul tem 6,2 mil hectares de oliva, com 80% da produção entre as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste. Há, no entanto, potencial para até 1 milhão de hectares plantados no Estado. Os maiores olivais da região estão em Pinheiro Machado, Canguçu, Encruzilhada do Sul, Bagé, Santana do Livramento e São Gabriel. Sai daqui 80% do azeite produzido no Brasil, totalizando, em 2023, 580,6 mil litros do produto. São 17 fábricas no Estado. Duas entre as 100 melhores do mundo ficam em Caçapava do Sul e Canguçu.

12. FRUTAS / CONSERVAS

Pelotas é o maior produtor de pêssegos do Rio Grande do Sul e o principal polo produtor de pêssego em calda no Brasil. Entre 2020 e 2023, foram exportadas a partir do Sul do Estado 40 mil toneladas do produto. Na última safra, 60 milhões de latas de compotas de frutas foram envasadas na região. O número inclui ainda figos e abacaxis.

13. INDÚSTRIA DA PESCA

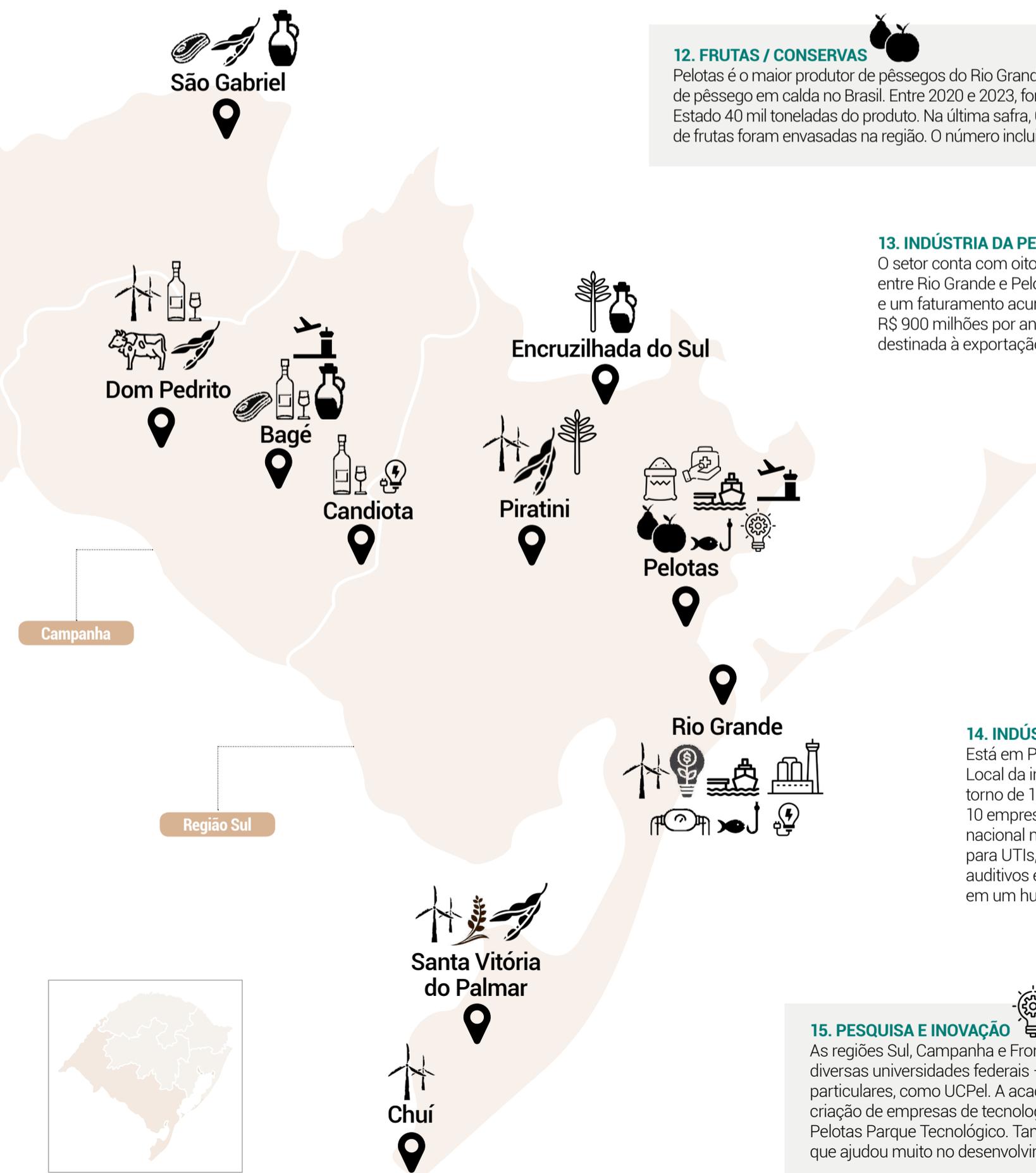
O setor conta com oito indústrias ativas, especialmente entre Rio Grande e Pelotas, empregando 2,5 mil pessoas e um faturamento acumulado de aproximadamente R\$ 900 milhões por ano. Mais de 40% da produção é destinada à exportação.

14. INDÚSTRIA DA SAÚDE

Está em Pelotas o primeiro Arranjo Produtivo Local da indústria da saúde, que emprega em torno de 1,5 mil pessoas. O polo concentra 10 empresas especializadas e é referência nacional na produção de equipamentos para UTIs, cadeiras de rodas, equipamentos auditivos e odontológicos. As indústrias atuam em um hub conjunto com universidades locais.

15. PESQUISA E INOVAÇÃO

As regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste concentram diversas universidades federais – UFPel, Furg e Unipampa – e particulares, como UCPel. A academia impulsiona a inovação e a criação de empresas de tecnologia e polos de inovação como o Pelotas Parque Tecnológico. Também há unidades da Embrapa, que ajudou muito no desenvolvimento do agronegócio da região.



ENERGIA

Projetos eólicos preveem investimentos bilionários

Além de parques eólicos instalados em terra, região pode receber usinas no mar, que ainda dependem de regulamentação

Eduardo Torres

economia@jornaldocomercio.com.br

O Rio Grande do Sul já produz 82% da sua energia a partir de fontes renováveis. As regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste são lugares estratégicos para que essa matriz seja ainda mais limpa e inovadora. Os mapas apontam para lá os maiores potenciais eólico, solar e para produção de hidrogênio verde no Estado.

“Ainda é cedo para medirmos a consequência deste movimento, mas este é o caminho, certamente, para atração de investimentos para esta região do Estado, que hoje acaba não sendo privilegiada por problemas logísticos e de infraestrutura”, avalia o economista-chefe da Fiergs, Giovanni Baggio.

Entre 2010 e 2020, a produção de energia eólica saltou de 2% para 19% no Rio Grande do Sul. Entre os 80 parques eólicos em atividade no Estado – a quinta maior potência instalada no País, com 1.836 MW –, Santana do Livramento, Santa Vitória do Palmar, Chuí e Rio Grande concentram

64% dessa potência.

Há ainda 63 parques em análise para licenciamentos ambientais em 31 municípios, sendo 21 entre o Sul, Campanha e Fronteira Oeste. Concentram 11,3 GW de potência estimada, ou 61,9% de toda a carga esperada com os futuros parques.

Com R\$ 492,7 milhões arrecadados em 2022, a Campanha representa 2% da arrecadação de ICMS com atividades industriais no Estado. Quase metade deste valor – R\$ 230,5 milhões – é proveniente de serviços industriais de utilidade pública, com um total de 82 indústrias na região, que representam atividades como a geração e distribuição de energia.

Entre os projetos com licença prévia emitida pela Fepam está o Complexo Três Divisas, que prevê 18 parques eólicos, com potência a ser instalada de 810 MW, em uma área de mais de 20 mil hectares entre Alegrete, Quaraí e Uruguaiana.

“A expectativa em toda a região é muito grande, porque hoje a nossa economia é muito dependente do setor agropecuário e com poucas outras alternativas. O nosso potencial para gerar energia por novas matrizes, como a eólica e a solar, pode fazer a diferença, não apenas pelos empreendimentos de infraestrutura para



Ideia é aproveitar áreas onde o vento é constante e intenso; Sul, Campanha e Fronteira têm 21 projetos

os parques eólicos ou usinas fotovoltaicas, mas por todos os novos negócios que eles poderão impulsionar”, avalia o prefeito de Alegrete, Márcio Amaral.

A estimativa, segundo o prefeito, é de que em 10 anos a adição de ICMS para o município onde um complexo eólico se instala chegue a 500%. “Hoje é justamente o nosso déficit energético que muitas vezes impede novos investimentos industriais”, explica.

De acordo com o diretor da Renobrax, Pedro Mallmann, responsável pelo projeto Três Divisas, ainda neste ano deve ser solicitada a licença de instalação à Fepam. A expectativa é de que os parques comecem a ser erguidos em 2024.

O Complexo Três Divisas, que tem previstos mais de R\$ 3 bilhões entre investimentos diretos e o que movimentará na economia local,

é somente um dos projetos eólicos criados pela Renobrax nesta região do Estado. Há outros dois em tramitação na Fepam: o São Miguel, com licença prévia já emitida e previsão de oito parques eólicos para gerar 200 MW, entre Chuí e Santa Vitória do Palmar; o Santa Helena, este em estágio inicial de licenciamento, a ser instalado em Quaraí, com potência de 500 MW.

A estimativa é de que, quando prontos, os três complexos poderão responder por até 16% da demanda gaúcha de energia.

“É uma região privilegiada em relação aos ventos. Este não é um investimento muito democrático, e não depende da vontade do empreendedor. Onde tem vento, tem, e o nosso papel é buscar este potencial de ventos. Iniciamos os levantamentos em 2006, levando em conta questões

ambientais e a ausência de grande concentração urbana para que possam ser instalados os complexos. E em todos estes aspectos, a região é favorecida, além da boa logística e da ligação direta com o porto”, aponta Mallmann.

O Porto de Rio Grande é considerado estratégico neste movimento energético na região. Tanto pela logística que envolverá as chegadas, montagens e instalações de equipamentos como aerogeradores, quanto pela própria área para novos projetos.

O Ibama analisa 22 possíveis parques eólicos offshore (no mar) no Rio Grande do Sul. São 16 no Litoral Sul do Estado, tendo as estruturas do porto e do distrito industrial local como referências para a instalação e operação. E há ainda projetos de energia eólica nearshore (na Lagoa dos Patos).

Hidrogênio verde tem grande potencial em Rio Grande

E a perspectiva é de que nos próximos anos a relevância da região e do Porto Indústria seja ainda mais ampliada, ocupando posição chave também na produção de hidrogênio verde. Dos 10 municípios apontados pelo governo estadual como maiores potenciais para instalações de plantas de transformação, sete são da região. E Rio Grande, com a estrutura do Porto Indústria,

larga na frente. No município, o prefeito Fábio Branco já anunciou que adotará o hidrogênio verde como combustível para a frota de ônibus urbanos.

A estimativa é de que os investimentos na produção de hidrogênio verde possam garantir acréscimos de R\$ 3,7 bilhões até R\$ 62 bilhões ao PIB gaúcho até 2040.

De acordo com o estudo

recentemente divulgado pelo governo estadual, até 41 mil empregos podem ser gerados – a maior parte entre as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste – nestes projetos.

“O porto será o espaço que viabilizará a transformação da matriz energética limpa no Estado. Todos os novos projetos eólicos planejados para o Estado poderão ter o Porto Indústria

como estrutura logística e industrial importante. Tanto para receber os equipamentos que formarão os parques quanto para instalações que permitam a montagem dos aerogeradores. Este não é apenas um plano, empresas estão estudando e nos consultando, de fato, para concretizar estas instalações”, antecipa o presidente da Portos RS, Cristiano Klinger.

Energia Solar

Em relação à produção de energia fotovoltaica, o Atlas Solar do Rio Grande do Sul aponta a Campanha como a área de maior potencial no Rio Grande do Sul, inclusive com a possibilidade de projetos que combinem a geração eólica e a solar. De acordo com o governo estadual, o Rio Grande do Sul tem um potencial fotovoltaico instalável de 100 GW, mas atualmente só 1% disso está em operação.

**ESTUDE EM UMA
UNIVERSIDADE
COM CONCEITO
MÁXIMO NO MEC**



**VESTIBULAR
ULBRA**

PRESENCIAL · HÍBRIDO · EAD

AQUI VOCÊ TEM:

Modelo de aprendizagem transformador.

Inserção do aluno na prática profissional desde o primeiro ano.

Convênios com 52 Instituições estrangeiras.

Programas de estágios para desenvolvimento de carreiras.



*Formação
com propósito*



INSCREVA-SE AGORA

ulbra.br/vestibular

AGRONEGÓCIO

Cultivo do arroz é
marca da região

Mais de 70% da produção do Brasil é do Rio Grande do Sul; Estado também sedia indústrias

Eduardo Torres
economia@jornaldocomercio.com.br

A produção de arroz é uma das principais marcas do setor agropecuário das regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste. É nesta área que 70,4% do arroz produzido do Brasil é cultivado. Não à toa, duas das seis empresas da região, entre as 100 maiores do Estado, são beneficiadoras do cereal.

“É uma cultura que está no berço da economia gaúcha, e neste momento, tem um preço atrativo para o produtor. O resultado é mais recursos circulando na economia de Pelotas, que tem na indústria do arroz uma das suas forças. Dá orgulho ver o nosso arroz nas prateleiras de outros estados brasileiros”, valoriza o presidente da Associação Rural de Pelotas, Augusto Rassier.

A Camil, uma das grandes empresas agropecuárias do Sul do Brasil, iniciou suas atividades em Itaqui, onde mantém sua principal unidade industrial, e hoje tem na região ainda unidades em Capão do Leão e Dom Pedrito.

Já a Josapar, cuja receita

líquida no ano passado foi de R\$ 2,2 bilhões, teve origem em Pelotas e hoje mantém unidades também em Itaqui e Rio Grande.

Conforme a Radiografia da Agropecuária Gaúcha de 2022, o Valor Bruto da Produção (VBP) gaúcho é de R\$ 136 bilhões e corresponde a 23,5% do PIB do Estado. O arroz, cultivado entre as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste, corresponde a 10,6% do VBP, enquanto a soja responde por 44,4%.

Santa Vitória do Palmar, Uruguiana e Itaqui são os municípios com maior produção de arroz irrigado. Mas esse cenário está em mudança.

“Hoje em dia, não é mais possível afirmar que essa é uma área somente arroseira. É uma cultura que sofreu muito nos últimos anos com a falta de rentabilidade e com o alto custo de produção. Tem dado lugar à rotatividade, especialmente com a soja, e isso tem favorecido o produtor”, explica o presidente da Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz), Alexandre Velho.

Há uma década, a região havia plantado 1,2 milhão de hectares de arroz, enquanto nesta última lavoura, foram 840 mil hectares. A estimativa da Federarroz é de que, entre



A redução de área plantada, com a rotatividade do solo, resultou em aumento da produtividade

as regiões Sul, Fronteira Oeste e Campanha, 500 mil hectares que eram tradicionalmente cultivados com arroz já deram espaço à soja. Entre todas as regiões produtivas do Rio Grande do Sul, somente a Fronteira Oeste ainda apresenta mais áreas com arroz plantado do que com soja.

Maiores empresas beneficiadoras de arroz em 2022

- Camil Alimentos S/A
- Josapar – Joaquim Oliveira S/A Participações
- Pirahy Alimentos Ltda
- Arroeira Pelotas Indústria e Comércio de Cereais Ltda
- Urbano Agroindustrial Ltda

Algo que também se reflete no restante da cadeia produtiva do grão. Segundo Velho, nesse mesmo período, o Estado reduziu de 300 para 140 indústrias de beneficiamento de arroz. A redução de área plantada, com a rotatividade do solo, resultou em aumento da produtividade.

“Mesmo com área plantada menor do que há 10 anos, tivemos 19% maior produtividade neste período. Os incrementos de técnicas de manejo e de tecnologias para que fosse possível o cultivo da soja na Metade Sul beneficiou todos. Reduziram as áreas ociosas no verão, por exemplo, e o perfil do produtor que adota a soja nessa região não é o de um iniciante, mas de

produtores que já lidam com o grão em outras regiões e arrendam áreas na Metade Sul”, explica o diretor executivo da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (Fecoagro), Sérgio Feltraco.

Maiores municípios produtores de arroz irrigado

- Santa Vitória do Palmar
- Uruguiana
- Itaqui
- Alegrete
- Dom Pedrito
- Arroio Grande
- Camaquã
- São Borja
- Mostardas
- São Gabriel

Plantio de soja ganha espaço na Metade Sul do Estado

De acordo com o Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria Estadual de Planejamento, Governança e Gestão, a área plantada de soja na Metade Sul do Estado mais que triplicou entre 2010 e 2020, saltando de 392 mil para 1,3 milhão de hectares.

A Fecoagro aponta que, entre 2013 e 2023, o Estado ampliou em 2 milhões de hectares as áreas semeadas com soja. Uma expansão notadamente ocorrida entre a Fronteira Oeste, Campanha e Sul do Estado, que já respondem por pelo menos 28% da produção.

“Só em valores, estamos falando de um potencial de

mais de R\$ 17 bilhões na região. É uma mudança que traz toda uma nova cadeia produtiva. Leva dinheiro, infraestrutura e tecnologia para uma área que durante muito tempo não recebeu investimentos significativos”, aponta o diretor executivo da Fecoagro, Sérgio Feltraco.

Em Alegrete, por exemplo, um terço das guias de ITBI geradas em 2022 foi na zona rural. O preço de um hectare de terra, nos últimos 10 anos, saltou de R\$ 10 mil para até R\$ 45 mil. Um dos municípios com maior tradição arroseira no Estado neste ano, Alegrete deve ter 100 mil hectares

plantados de soja contra 52 mil de arroz. Na maior parte dos casos, explica o prefeito Márcio Amaral, não houve troca, mas o avanço da agricultura para áreas que antes estavam ociosas. “Hoje temos produtores em praticamente toda a Metade Sul. São pessoas que se transferiram da nossa região para lá, pela ausência de novas áreas por aqui, e que recebem o amparo da cooperativa para essa expansão”, explica Celso Krug, presidente da Cotribá, de Ibirubá, na região Noroeste do Estado.

Segundo ele, a Metade Sul já responde por 40% da produção de soja da cooperativa. Na

região de Pelotas, por exemplo, a relação da soja está diretamente ligada à rentabilidade, como salienta o presidente da Associação Rural de Pelotas, Augusto Rassier.

A cultura, que nesta área tem a sua maior parte feita por pequenos produtores, assumiu áreas que eram historicamente do fumo, do gado leiteiro e do gado de corte.

O grão responde por quase a metade do VBP agrícola do Estado e por 51,3% das exportações agropecuárias gaúchas. Não à toa, as empresas Bianchini e Grupo Ferrarin, que atuam com a soja da região, estão entre as maiores

O avanço da soja

- 28% da produção gaúcha de soja está nas regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste
- Municípios da região entre os maiores produtores de soja no Estado: Dom Pedrito, São Gabriel, Piratini e Santa Vitória do Palmar (sequeiro) e São Borja (irrigado)

empresas gaúchas. Hoje, conforme a Radiografia Agropecuária Gaúcha, Dom Pedrito é o município com maior área de soja plantada em sequeiro, e São Borja, irrigado.

AGRONEGÓCIO

Plantio de eucalipto se destaca na silvicultura

Ageflor estima que regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste do Estado tenham 260 mil hectares de florestas plantadas

Está entre as regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste a maior parte dos 934,6 mil hectares de florestas plantadas no Rio Grande do Sul. Segundo o último anuário da Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor), são 260 mil hectares nessa região. A maior parte, 62%, formada pelo plantio de eucalipto, que é a base para a indústria de celulose e papel, mas a silvicultura gaúcha também inclui os plantios de acácia negra e pinus, que abastecem a indústria com resinas, produtos

de madeira e móveis.

As duas maiores áreas plantadas no Estado estão em Encruzilhada do Sul e Piratini. Um cenário que, nesta última década, de acordo com o presidente da Ageflor, Luiz Augusto Alves, encontra-se estagnado, em virtude de limites estabelecidos no zoneamento ambiental para a silvicultura no Estado, em 2009. O setor espera uma revisão da lei neste ano. “Os custos logísticos estabelecem que, cada vez mais, a indústria, especialmente da celulose, esteja próxima da floresta. Com essa atualização que esperamos, é um caminho que se abre para destravar investimentos em novas plantas industriais. Temos um diferencial, além das áreas para o plantio, que é a proximidade com o

Porto de Rio Grande”, aponta.

A legislação estabelece limites para a silvicultura de acordo com a disponibilidade hídrica de cada bacia hidrográfica, por exemplo. Para Alves, o problema é que o estudo que baseou a definição há 14 anos tinha dados de 12 estações meteorológicas. Hoje, são mais de 200 que, segundo ele, contrariam boa parte das limitações estabelecidas naquela época.

No Rio Grande do Sul, não avançaram investimentos em novas indústrias de celulose na Metade Sul. Em Guaíba, a CMPC quadruplicou sua planta, e tem no Porto de Pelotas o ponto logístico para envio da matéria-prima do Sul do Estado.

“Hoje, eu diria que temos florestas suficientes para uma



Produção abastece indústrias de celulose, papel, resina, madeira e móveis

nova planta de celulose no Estado, mas quem investiria sem garantia de florestas a longo prazo, que só serão possíveis com a revisão da legislação?”, questiona Alves. Conforme a Ageflor, o maior potencial para novas florestas plantadas está no Sul, entre a Lagoa dos Patos e a fronteira com o Uruguai.

A região é referência na industrialização de outros produtos florestais. Neste ano, a Tanac, que tem planta industrial em Rio Grande, chegará a 2 milhões de metros quadrados de

cavacos produzidos. E no próximo ano, ampliará a produção de pellets. A empresa é considerada a maior produtora de acácia negra no mundo, com 55 milhões de árvores plantadas.

Municípios com maiores áreas de florestas plantadas

- Encruzilhada do Sul
- Piratini
- São José do Norte
- São Gabriel
- Canguçu



IMPULSIONANDO

A ECONOMIA DO ESTADO

A T R A V É S D E

CONEXÕES ASSERTIVAS

ENTRE JOVENS

TALENTOS

E EMPRESAS

Conheça o nosso programa de estágio e Aprendizagem e ajude a formar os líderes do amanhã.



Ciee-Rs



Ciee-Rs



@ciee_rs



@cieers



<https://portal.ciee.org.br/>
<https://cieers.org.br/conjuntos>

conjuntos



AGRONEGÓCIO

WENDERSON ARAUJO/CNA/JC



A produção da região representa 4,5% do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho, mas atende somente 53% da demanda de proteína animal do Rio Grande do Sul

Pecuária no Pampa garante carne de qualidade

Rebanho bovino no Rio Grande do Sul é de 11,9 milhões de animais

Eduardo Torres
economia@jornaldocomercio.com.br

Está nas raízes da economia gaúcha a pecuária no Pampa. Com um rebanho de bovinos em todo o Estado de 11,9 milhões de animais – 80,5% para produção de carne –, a estimativa é de que 70% da pecuária de corte está concentrada entre a Fronteira Oeste, a Campanha e o Sul. Em todo o último ano, conforme levantamento do Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte (NesPro), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), 1,82 milhão de animais foram encaminhados para abate. A produção representa 4,5% do PIB gaúcho, mas atende somente 53% da demanda de proteína animal do Rio Grande do Sul.

Um dos principais palcos da pecuária de corte gaúcha está na Expofeira, promovida anualmente pela Associação Rural de Pelotas, e que reuniu, no último ano, 130 mil pessoas no parque de exposições. “Está na origem da associação e da feira a valorização da bovinocultura de corte. Temos na Expofeira leilões das principais cabanhas produtoras de raças de corte do Estado. Daqui saem os melhores preços e se consolida o espaço para a promoção de reprodutores”, valoriza Augusto Rassier, presidente da associação, que completa 125 anos em 2023.

Representa uma cadeia produtiva que tem, nessa região, conforme a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), cinco dos 16 frigoríficos de abates bovinos credenciados do Estado. Os maiores deles são as unidades da Marfrig, em Bagé, Alegrete e São Gabriel, com abate autorizado, somados, de mais de 200 animais por hora.

De um total de 425 mil toneladas de carne produzidas no ano passado, 128 mil foram exportadas para até 90 países, o que representa pouco mais de 5% do que o Brasil exporta. E neste ano, os números são pouco animadores. Dados da Abrafrigo apontam que o Estado reduziu, no primeiro quadrimestre, 27% da quantidade de carne bovina exportada. Foram 31,6 mil toneladas até abril, uma queda, de 41% em valores – US\$ 97,7 milhões.

A maior parte da carne gaúcha exportada este ano foi na forma de sebo bovino fundido e de preparações alimentícias e conservas bovinas (22 mil toneladas), que tiveram os Estados Unidos como destino. Carnes desossadas congeladas, que têm a China como principal destino, tiveram 8,1 mil toneladas exportadas. “Temos quase 400 anos de história na produção de gado no Pampa. A produção representa 4,5% do PIB gaúcho.

Este é um patrimônio que temos trabalhado para encontrar a valorização no mercado”, explica o presidente da Comissão de Relacionamento com o Mercado, do Instituto de Desenvolvimento da Carne, Ivan Faria.

O desafio do setor é valorizar, pelo reconhecimento no mercado, a produção tradicional do Pampa. Já há o selo de identificação da carne produzida 100% no bioma, que tem como diferencial o valor nutricional da carne, pela alimentação do gado com a grande diversidade forrageira dos pastos nesta região.

Somente entre Alegrete e Santana do Livramento, há mais de 1 milhão de cabeças de gado. Conforme o IBGE, no entanto, não é em solo gaúcho, por exemplo, que a Marfrig cria um dos seus mais recentes produtos com grande valor adicionado: a carne orgânica. Apesar de processada na unidade de Bagé, este gado é criado no Uruguai. A carne orgânica é oriunda de animais alimentados somente a pasto, livres de fertilizantes sintéticos, hormônios anabolizantes e estimulantes de crescimento.

“Enquanto a lavoura avança

com cada vez maior valor econômico, a produção de gado tradicional do nosso Estado tem se mostrado quase uma atividade antieconômica. De um ano para outro, tivemos queda de 30% no preço. O nosso desafio hoje é integrar esta pecuária à lavoura que avança, com a produção mais intensiva, com o uso de grãos da própria lavoura. Uma atividade que já é diferente daquela com o boi solto”, diz Faria.

Produção

■ Sul, Campanha e Fronteira Oeste concentram 70% da produção pecuária de corte do Estado
■ Estão na região 5 dos 16 frigoríficos credenciados no Estado para o abate de bovinos

Maiores rebanhos do Estado:

📍 Alegrete: 524.005 cabeças
📍 Santana do Livramento: 498.789
📍 Uruguaiana: 324.526
📍 Dom Pedrito: 309.119
📍 Rosário do Sul: 263.967
📍 São Gabriel: 254.901
📍 Quaraí: 240.329
📍 Bagé: 223.060
📍 Caçapava do Sul: 152.639
📍 Santa Vitória do Palmar: 151.082

(DADOS IBGE 2021)

AGRONEGÓCIO

BÁRBARA LIMA/ ESPECIAL/ JC

Associação do setor tem registrado aumento de produção na última década



Da uva ao vinho, cria-se uma nova agricultura

Fronteira Oeste e Campanha agregam produção de vinícolas

Eduardo Torres
economia@jornaldocomercio.com.br

Há mais de 150 anos, a primeira vinícola registrada no Brasil ficava na Campanha. Fundada por José Marimon, a vinícola J. Marimon & Filhos iniciou o plantio dos seus vinhedos em 1882, na Quinta do Seival, no atual município de Candiota. Os vinhos de mesa que saíam dali eram exportados principalmente para os países do Prata e também, claro, eram vendidos para o restante do Brasil.

Mas o que pode parecer ultrapassado é o símbolo de uma

nova roupagem ao campo entre a Campanha e a Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, que agrega a produção, a industrialização e um imenso pacote de serviços como o turismo e a hotelaria. A partir do começo dos anos 2000, os produtores de uvas e vinhos voltaram a olhar para a região com grande potencial produtivo.

Em 2010, foi criada a Associação Vinhos da Campanha. Dez anos depois, a região teve reconhecida a Indicação Geográfica da Campanha Gaúcha, que representa 4,1 milhões de hectares entre 14 municípios. Em Santana do Livramento, por exemplo, está a terceira maior área plantada de uva irrigada para a indústria.

“Hoje, temos grande

relevância nacional. Nossa importância no mercado, em relação a regiões produtivas no Brasil, fica atrás somente da Serra Gaúcha”, explica o presidente da Associação Vinhos da Campanha, Pedro Candelária.

A Campanha é a indicação geográfica com a maior quantidade de rótulos reconhecidos – 267 vinhos – e com 5 milhões de litros de vinho aprovados para receberem o selo de Vinho da Campanha desde 2020, entre as 19 vinícolas associadas.

Conforme Candelária, o clima na Campanha é bastante propício para a diversificação rural, em especial a produção de frutas, como a uva. “Apesar de ter sido a primeira região produtora de vinhos no Brasil, só há 23 anos entrou, de fato,

no mundo dos vinhos, então o potencial é muito grande e o processo atual ainda é de estruturação da produção e de tudo o que agregamos a ela”, aponta o presidente.

Ele se refere, especialmente, ao enoturismo. Atualmente, algumas propriedades e vinhedos já recebem turistas e ainda não estruturaram as suas vinícolas próprias, por exemplo. Já há duas rotas organizadas a partir de uma parceria com o Sebrae e que, como salienta o dirigente, aos poucos estimulam melhorias na rede hoteleira e de restaurantes na região.

É o caso da Campos de Cima, vinícola localizada em Itaquí, na Fronteira Oeste, administrada por Candelária, que é português, com a esposa, Manuela,

e suas irmãs, Hortênci e Vanessa Ayub. Há 20 anos a propriedade da família dela iniciou os vinhedos e, há 11, a partir de um financiamento, foi estruturada a vinícola naquela área. “Foi a partir da vinícola que passamos a receber gente do mundo todo e percebemos que é necessário melhorar a infraestrutura para esses turistas”, garante.

Principais produtores de vinho na Campanha

- Miolo
- Campos de Cima
- Guatambu
- Batalha
- Bueno
- Peruzzo
- Cordilheira de Santana

Pesca em Rio Grande e Pelotas mira no mercado internacional

A indústria da pesca já ocupou lugar de protagonismo na economia regional. Hoje, tendo reduzido a sua presença de 25 para oito indústrias ativas, como salienta o presidente do Sindi-pesca, Torquato Pontes Neto,

diminuiu sua importância econômica, mas consolida uma nova posição como exportadora e importante geradora de empregos.

A indústria da pesca gaúcha hoje acumula faturamento de até R\$ 900 milhões por

ano. A estimativa é de que pelo menos 2,5 mil pessoas sejam empregadas na indústria pesqueira concentrada sobretudo em Rio Grande e Pelotas. Indiretamente, quando é considerada toda a atividade pesqueira, chegam a

5 mil trabalhadores.

Proprietário de uma dessas indústrias, Pontes Neto explica que entre 40% e 48% da produção hoje é destinada à exportação, mesmo com as portas fechadas do mercado brasileiro para o mercado

europeu desde 2018.

É resultado de uma recuperação de mercado gradual após a grande perda, por falta de isonomia fiscal, já corrigida nos últimos anos, em relação aos pesqueiros catarinenses.

AGRONEGÓCIO

TÂNIA MEINERZ/JC



Dos atuais 6,3 mil hectares cultivados no Rio Grande do Sul, com produção de mais de 4 mil toneladas, 80% estão entre as regiões da Campanha, Fronteira Oeste e Sul do Estado

Olivais emergem como nova produção do agronegócio

Fabricação de azeites de qualidade ganha espaço na Metade Sul do Estado

Em Caçapava do Sul, Renato Fernandes recebe turistas na Vila Segredo, onde mantém 11 hectares de olivais produzindo 8 toneladas por ano de azeitonas, que serão transformadas em azeite extravirgem gaúcho. Nos dois primeiros meses do ano, só na propriedade, que foi preparada para receber o público do oliveturismo, foram garantidos 80% de ocupação permanente.

“A experiência do azeite

como nós oferecemos aqui traz consigo a estampa do gaúcho, da Campanha que até então era inexplorada turisticamente”, explica o empresário que hoje preside o Instituto Brasileiro de Olivicultura (Ibraoliva).

Desde 2020, a entidade estima que o oliveturismo atraiu 500 mil pessoas por ano às propriedades que ganham o seu maior espaço justamente na Metade Sul do Estado.

Foi a partir de Caçapava que a olivicultura começou a ganhar forma nos últimos 20 anos. Dos atuais 6,3 mil hectares produtivos

no Estado – 340 produtores –, com produção de mais de 4 mil toneladas, 80% estão entre a Campanha, Fronteira Oeste e Sul. Está em Pinheiro Machado a maior área plantada.

Saem do Rio Grande do Sul 80% do azeite produzido no Brasil, totalizando 580 mil litros de azeite produzidos aqui em 2023. Hoje, são 17 indústrias produzindo o azeite gaúcho – em 2005, eram apenas quatro –, com 70 marcas próprias.

“Nesta região, tem um período de frio e tem o calor no verão. É semelhante ao paralelo 30 Norte, no Mediterrâneo.

Então, era nata a vocação da região para produção dos olivais, inclusive como uma alternativa aos produtores. Por exemplo, há três anos a região sofre com as secas, mas a nossa cultura não sentiu os efeitos, ao contrário, outra vez temos perspectiva de supersafra”, aponta Fernandes.

O potencial desta cultura ainda parece estar longe do limite. O mapeamento do setor aponta 1 milhão de hectares aptos a receberem olivais – 166 vezes mais do que o produzido atualmente.

“Pode ser uma forma de valorização da fazenda, por exemplo, onde o gado não chega. É uma cultura que exige planejamento, porque começa a produzir no décimo ano da planta, mas garante produtividade por pelo menos 10 gerações de produtores”,

Maiores áreas de olivais no Estado

- Pinheiro Machado
- Canguçu
- Encruzilhada do Sul
- Cachoeira do Sul
- Dom Feliciano
- Bagé
- Santana do Livramento
- São Gabriel
- Viamão
- Dom Pedrito

Principais produtores de azeite na Campanha e Sul

- Prosperato (Caçapava do Sul)
- Verde Louro Azeite (Canguçu)

explica o empresário.

Atualmente, no período da colheita, a olivicultura emprega até 65 mil pessoas no Rio Grande do Sul.

A tradição das frutas em calda de Pelotas

O cultivo de frutas não é exatamente uma novidade na região. Pelotas é o maior produtor de pêssegos do Rio Grande do Sul, e o principal polo de produção de pêssego em calda do País. Entre 2020 e 2023, mais de 40 mil toneladas do produto foram exportadas por Pelotas. O Estado responde por 60% da produção nacional da fruta, com 11,5 mil hectares de produção

e um Valor Bruto da Produção de R\$ 245,72 milhões.

É um plantio que abastece uma tradição da região na industrialização de conservas. Desde 1901, a Schramm produz em Pelotas, e hoje é a maior processadora de pêssegos do Brasil. De acordo com o Sindicato das Indústrias Alimentícias de Doces e Conservas de Pelotas e Região (Sindicopel), o parque industrial

local contempla uma produção de até 100 milhões de latas. Somente na Schramm, são 20 milhões.

As frutas processadas pela empresa vêm de 200 agricultores familiares da região de Pelotas, que representam 70% da demanda da empresa. Outros 30%, que incluem ainda abacaxis e figos, são plantados em pomares próprios da empresa centenária.

Na última safra, mais de 60 milhões de latas foram envasadas pelas indústrias da região. O pêssego em calda, que já tinha espaço no mercado nacional, especialmente entre os estados do Sul e Sudeste, a partir de 2021, com a crise na Argentina, passou a ser exportado em maior volume para Uruguai, Paraguai, Bolívia, Equador e Venezuela.

Região produz
40 milhões
de latas de pêssego
em conservas por ano

Estado tem
11,5 mil
hectares de produção
de pêssego

DESENVOLVIMENTO

Crédito é ferramenta para reduzir desigualdades

BRDE destinou R\$ 1,7 bilhão para projetos no Sul, Campanha e Fronteira Oeste nos últimos 10 anos

Eduardo Torres
economia@jornaldocomercio.com.br

Pouco mais de 240 quilômetros, por estradas, separam Rio Grande de Bagé. Em ambos os municípios estão os únicos distritos industriais em áreas públicas estaduais entre a região Sul, Campanha e Fronteira Oeste. E eles representam bem as diferenças regionais agravadas nesta área do Estado.

Se o distrito junto ao porto é o mais bem-sucedido entre essas estruturas públicas, com 54 empresas instaladas, em Bagé, somente uma empresa, a Lactalis, está em operação, representando a menor ocupação no Estado.

Dificuldades logísticas e de infraestrutura explicam a baixa procura pelo município da Campanha, e são alguns dos desafios que, aponta o diretor de Planejamento do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), Otomar Vivian, têm boas perspectivas de serem superados com aposta na diversidade e sustentabilidade da economia entre o Sul, a Campanha e a Fronteira Oeste.

“Temos trabalhado no fomento ao que é a vocação da

região, mas estimulando a diversidade no agro, por exemplo. A região continua muito ligada à terra, mas é diversa, tem a entrada da soja, a vitivinicultura, os olivais e o manejo da própria pecuária e do arroz com muito maior excelência. Nosso papel é garantir o fomento para atração cada vez maior de empreendimentos para a região, com a compreensão de que há um espaço gigante para isso, e a perspectiva futura é muito positiva, como resultado do que temos feito nos últimos anos”, diz Otomar.

Nos últimos 10 anos, o BRDE aportou R\$ 1,7 bilhão para essa região, o que representa 17% dos R\$ 9,9 bilhões aportados em todo o Estado no mesmo período. Em torno de R\$ 800 milhões foram destinados a projetos na área de energia, fundamental para a infraestrutura, e outros R\$ 650 milhões para projetos na área do agro.

De acordo com o secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ernani Polo, esta área do Estado está no centro das políticas públicas de incentivos a investimentos para redução de desigualdades regionais no Estado. Nas duas regiões, o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Ide-se) registrado nos municípios está entre os mais baixos do Rio Grande do Sul.

“É necessário um trabalho

de construção de ambientes favoráveis para investimentos. Tanto com a presença do Estado para melhorias de infraestrutura, quanto com a potencialização de aptidões locais que incentivem aquele empreendedor local e atraiam quem tem interesse em investir. Acredito que avançaremos muito neste sentido nos próximos anos, a partir de uma parceria que temos mantido com o Sebrae, justamente para potencializar as vocações regionais”, aponta o secretário.

Há dois anos, a política de incentivos a partir do Fundopem reforçou, entre os critérios para concessão, setores estratégicos para a economia local, a transferência de tecnologia, os arranjos produtivos e até o Idese do Corede onde o empreendimento pretende expandir ou se instalar (com maior pontuação às regiões menos desenvolvidas).

Existe, por exemplo, prioridade para investimentos no Sul e Fronteira. No entanto, entre 2019 e 2022, somente seis projetos entre as regiões funcionais da Campanha, Fronteira Oeste e Sul foram aprovados pelo Fundopem, representando R\$ 57,2 milhões de um total de R\$ 3,5 bilhões no Estado neste período. Neste ano, entre os 34 projetos aprovados no primeiro trimestre para receberem incentivos fiscais do Estado,



Otomar Vivian explica que o BRDE estimula a diversidade no agro

totalizando quase R\$ 1,2 bilhão, nenhum será executado na região.

O levantamento feito pelo JC no Anuário de Investimentos de 2022 demonstra uma distribuição regional um pouco melhor. Entre os R\$ 51,8 bilhões em investimentos mapeados por cidades gaúchas, R\$ 9,6 bilhões destinam-se a municípios entre o Sul, Campanha e Fronteira Oeste.

De acordo com o secretário, está no horizonte da pasta a criação de escritórios regionais de desenvolvimento para garantir maior articulação em investimentos potenciais em todas as áreas do Estado. “Queremos estar cada vez mais próximos das realidades. O papel do Estado é ser este articulador que garanta facilitação ao empreendedor e celeridade nos seus processos”, aponta Polo.

Por outro lado, o secretário afirma que a pasta do Desenvolvimento Econômico terá papel mais ativo na atração de potenciais investimentos para instalação de empresas em distritos industriais como o de

Bagé, com uma possível parceria público-privada em um escritório de prospecção de investimentos.

“Estamos articulando com o Badesul e BRDE possíveis linhas de crédito a serem acessadas pelos governos municipais, específicas para projetos de infraestrutura para distritos industriais”, revela Ernani Polo.

Incentivos

- Nos últimos 10 anos, o BRDE destinou R\$ 1,7 bilhão em recursos para projetos entre o Sul, a Campanha e a Fronteira Oeste. Representam 17% dos R\$ 9,9 bilhões aportados pelo banco em todo o Estado neste período.
- Entre 2018 e 2022, somente 6 projetos entre Sul, Campanha e Fronteira Oeste foram aprovados pelo programa de incentivos fiscais Fundo Operação Empresa (Fundopem), resultando em 1,6% do total aprovado no Estado neste período.

Arranjo Produtivo Local da Saúde evidencia o potencial da indústria no setor

Quando a pandemia estourou no Brasil, foi do Sul do Estado que uma das principais ações de socorro se mostrou mais efetiva para todo o País. A Lifemed, uma das principais empresas que formam o Arranjo Produtivo Local da Saúde, em Pelotas, forneceu 30% dos leitos completos para as novas UTIs aos pacientes de Covid no Brasil.

Pelotas tem a maior concentração de indústrias na região. Em 2021, eram 951, com R\$ 1,1 bilhão de VAB industrial e R\$ 240,9 milhões arrecadados em ICMS da indústria em

2022. É neste cenário que existe o único arranjo formalmente reconhecido pelo governo estadual. São oito indústrias, quase todas líderes nacionais no setor da saúde, e que empregam pelo menos 1.500 pessoas.

“Conseguimos desenvolver em Pelotas não apenas este ambiente para as empresas do setor, mas principalmente um ecossistema de produção científica na área da saúde que nos diferencia. Temos três cursos de Medicina na região, cursos em todas as áreas de saúde e um programa

de biotecnologia na UFPel, que está entre os dois melhores do País”, aponta o presidente do APL Saúde, Leonardo Reichow.

A infraestrutura para garantir ainda mais aproximação entre as universidades e o mercado da saúde já tem projeto pronto e aprovado pelo Finep, aguardando somente a liberação de recursos para o projeto de criação de um Hub de Saúde, com R\$ 14 milhões em investimentos previstos, dentro do Pelotas Parque Tecnológico.

“Entre as estruturas que projetamos para este hub, e

que não se encontram hoje nas universidades, há uma planta piloto em biotecnologia”, explica Reichow.

Paralelamente, uma parceria entre a Lifemed e a UCPel está criando um laboratório completo para avaliações em saúde, atualmente em fase de compra de equipamentos, com R\$ 1 milhão em investimentos. A intenção é que este laboratório, com estrutura única no Brasil, seja acionado por empresas e universidades de todo o País para testagens do Inmetro de novos produtos de saúde.

“O Rio Grande do Sul,

especialmente o Sul do Estado, com uma concentração de faculdades de saúde, engenharia e biotecnologia, tem que ser visto como uma referência nacional em saúde”, diz.

Na região, além do protagonismo da Lifemed, há a produção referencial no País de cadeiras de rodas motorizadas, pela Freedom Veículos Elétricos, o desenvolvimento de equipamentos auditivos inovadores, pela Contronic Sistemas Automáticos, e ainda o desenvolvimento de biomateriais odontológicos, pela Yller Biomateriais.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Um território transformado pela inovação

Pesquisa impulsiona o desenvolvimento econômico da região, com melhorias para a produção agropecuária

Patrícia Lima, de Pelotas
economia@jornaldocomercio.com.br

A abertura do conto *Correr Eguada*, publicado pelo escritor pelotense João Simões Lopes Neto em 1913, no livro *Contos Gauchescos*, descreve a realidade dos campos que compreendiam a região Sul do Rio Grande entre o final do século XVIII e o começo do XIX. Para introduzir mais um dos seus causos, o narrador/personagem Blau Nunes chama a atenção de seu interlocutor para a particularidade geográfica e econômica da extensão de planícies e coxilhas que se estendia da Lagoa dos Patos até à Fronteira Oeste. Dizia ele:

“Tudo era aberto; as estâncias pegavam umas nas outras sem cercas nem tapumes; as divisas de cada uma estavam escritas nos papéis das sesmarias (...). Vancê vê que desse jeito ninguém sabia bem o que era seu, de animalada”.

Caso dessem uma volta pela mesma área nos dias de hoje, Blau Nunes e seu criador bem que poderiam ter a impressão de que pouca coisa mudou desde aquele tempo. Talvez, em seu passeio,

estranhassem somente as plantações de soja, os vinhedos e os olivais, além das raças de gado britânicas, bem diferentes dos animais que vagavam outrora pelas pastagens. O que certamente lhes escaparia é a revolução que já está em curso na Metade Sul, capaz de transformar a economia sem mudar a paisagem que tanto inspirou Simões Lopes Neto há mais de 100 anos.

É pela pesquisa e pelo desenvolvimento tecnológico que a região deve encontrar o caminho do crescimento, sem abrir mão da vocação agropastoril que esteve entre os temas centrais dos *Contos Gauchescos*.

Pilar promissor apontado pelo Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, a inovação pode ser a chave para tornar as cidades e os territórios mais prósperos e sustentáveis, gerando o estado de bem-estar social necessário para fixar talentos e estabelecer uma economia global no coração do Pampa Gaúcho.

A aposta na inovação e no desenvolvimento tecnológico é a única saída para uma região cuja performance econômica é deficiente, especialmente se forem considerados índices como distribuição de renda e empregabilidade, em comparação com a Metade Norte. Essa é a avaliação do superintendente de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional



A Furg pretende conectar todo o Litoral Sul gaúcho com projetos ligados ao empreendedorismo

da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Vinícius Campos, que também é vice-presidente do Pelotas Parque Tecnológico. Para ele, a região é um polo único de produção de conhecimento, com a presença de pelo menos quatro grandes universidades, três delas federais. Os recursos investidos em pesquisa devem fomentar o surgimento de empresas na região, transformando o conhecimento em renda. “Temos que desenvolver as soluções do futuro aqui, transferindo tecnologia e incentivando os empreendedores. Outros lugares do mundo se transformaram assim”, afirma Campos.

O primeiro dos pilares da inovação – pessoas – é também o primeiro desafio a ser vencido nos ambientes de fomento da região. “Precisamos reter os talentos, os bons alunos, que tenham habilidades socioemocionais para empreender. E também precisamos de densidade, tanto de pessoas quanto de projetos

inovadores”, ressalta o diretor do OceanTec, o polo tecnológico da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (Furg), Artur Gibbon.

Para ele, construir um ambiente de inovação capaz de atrair esses talentos é o primeiro passo para a criação de uma cultura de inovação que beneficie toda a região. Focada em um dos braços estratégicos da região, a chamada Economia Azul, que é voltada para o mar e para as potencialidades costeiras, a Furg pretende conectar todo o Litoral Sul, incluindo as cidades que margeiam a Lagoa dos Patos, com projetos ligados às áreas de inovação e empreendedorismo.

Além das universidades, outros centros de produção de conhecimento também já estão no caminho para tornar mais eficientes e sustentáveis as atividades pelas quais a região é reconhecida. O caso mais emblemático é o do agrogócio, que há décadas tem o apoio científico da Embrapa,

que soluciona os problemas do campo por meio de pesquisas e produção de conhecimento.

Lorena Bernardi, supervisora do Setor de Prospecção e Avaliação de Tecnologias da Embrapa Clima Temperado, no município vizinho de Capão do Leão, salienta que o conceito de inovação aberta norteia as iniciativas da instituição. Isso significa que a integração com o setor produtivo é o que determina as prioridades e os temas a serem estudados, para que as soluções encontradas sejam partilhadas com a comunidade e sirvam para o desenvolvimento da cadeia como um todo.

“Construímos a inovação em conjunto com os produtores. Nossas pesquisas resultam em ativos, que podem ser uma nova cultivar, uma prática de manejo, um banco de dados ou um aplicativo. O importante é que tudo volta como benefício para a sociedade. Esse é o espírito da inovação aberta”, explica Lorena.

Raio-X Acadêmico da Metade Sul

Universidade Federal do Rio Grande (Furg)

61 cursos de graduação, 18 de especialização, 31 de mestrado, 13 de doutorado, além de 14 programas de residência e cerca de 150 grupos de pesquisa certificados pelo CNPq.

Mais de 9 mil alunos de graduação presencial, além de 300 alunos de graduação a distância e cerca de 2.500 alunos de pós-graduação.

Estrutura multicampi com campus em Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha, São Lourenço do Sul e Santa Vitória do Palmar.

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

96 cursos de graduação presenciais, sendo 66 bacharelados, 22 licenciaturas, oito tecnólogos e três cursos de graduação a distância. Além disso oferece 26 cursos de doutorado, 50 mestrados acadêmicos e seis profissionais e 34 cursos de especialização. São mantidos 2,7 mil projetos de pesquisa.

Mais de 19 mil alunos.

Conta com cinco campi: Capão do Leão, Porto, Centro de Pelotas, Fragata e Anglo.

Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

70 cursos de graduação presencial e sete na modalidade de distância. Além disso, oferece 25 cursos de especialização, 20 de mestrado e cinco de doutorado.

10 mil alunos.

Estrutura multicampi com campus em dez cidades da Metade Sul: Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana.

Universidade Católica de Pelotas (UCPel)

30 cursos de graduação presenciais e EaD, três programas de pós-graduação e 30 cursos de especialização.

Mais de 5 mil alunos.

Possui três campi: dois prédios acadêmicos no centro de Pelotas e o Hospital Universitário São Francisco de Paula.

A UCPel também é a maior escola Médica do Rio Grande do Sul, com a oferta de 180 vagas para o curso de Medicina. A seleção é anual e ocorre sempre no mês de novembro.

INOVAÇÃO



PAULO LANZETTA/EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC

O uso eficiente das terras e a conservação dos solos no processo de integração entre lavoura e pecuária ganha relevância nas regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste

Sustentabilidade e renda no campo a partir da pesquisa

Embrapa foi decisiva para avanços em produtividade do agro do Sul do Estado

Patrícia Lima
economia@jornaldocomercio.com.br

Fazer com que agronegócio rime com sustentabilidade. Esse vem sendo o grande desafio dos pesquisadores da área – e a responsabilidade só aumenta para o futuro. Ter um agro que alie alta produtividade com conservação dos biomas e da biodiversidade é o objetivo que vem sendo perseguido pela Embrapa na

Metade Sul do Estado há anos.

“O trabalho dos pesquisadores é conciliar os temas críticos para a sociedade e para os produtores, como segurança alimentar, conservação da biodiversidade e enfrentamento das mudanças climáticas”, destaca o chefe-adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Clima Temperado, Gustavo Heiden. Segundo ele, é respondendo a essas demandas que a pesquisa agropecuária atenderá ao propósito de posicionar a região como referência em produção com qualidade, produtividade e sustentabilidade.

Nesse propósito, alguns

temas ganham protagonismo, como o uso eficiente das terras e a conservação dos solos no processo de integração entre lavoura e pecuária. As pesquisas que resultaram no desenvolvimento da técnica sulco-camalhão pela Embrapa são um exemplo da resposta a esse desafio.

Ao adotar a tecnologia de uso das terras planas e baixas, características da Metade Sul do Estado, o produtor consorcia variados cultivos, já que consegue otimizar a drenagem em períodos de muita chuva e irrigar em tempos de seca. “Com essa técnica, a produtividade de culturas como milho e soja aumenta,

diversificando as fontes de renda do produtor”, explica Heiden.

Outro projeto que revela a importância da pesquisa é a Rota dos Butiazais. Ao perceber que o butiá, palmeira nativa do Pampa, estava desaparecendo de algumas áreas, os pesquisadores estudaram o ajuste de carga de gado nas propriedades – com menos animais pastando, as plantas mais jovens tinham oportunidade de vingar, possibilitando a renovação.

Com mais frutos disponíveis, os produtores foram capacitados para aproveitar a polpa do butiá em doces e conservas, diversificando a fonte de renda. “Essa pesquisa demonstrou que é possível compatibilizar a pecuária extensiva com a conservação das florestas nativas, recuperando áreas e gerando renda para quem está no campo”, salienta Heiden.

Qualidade reconhecida para agregar valor ao produto da região também é desafio da pesquisa agropecuária. Conquistado no ano passado, o selo de qualidade da carne produzida no Pampa Gaúcho teve a participação da Embrapa Pecuária Sul, que integrou todo o processo que resultou na obtenção do selo, desde a formação da Associação de Produtores de Carne do Pampa Gaúcho (Apropampa) até os estudos para a delimitação de área e para a regulação.

Reconhecida pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), a marca coletiva Apropampa deve valorizar a carne proveniente do bioma.

“Fazer essa parceria com a Embrapa qualifica a produção e promove a diferenciação do produto”, destaca o pesquisador da Embrapa Pecuária Sul, Danilo Sant’Anna.

Inovação chega pelas águas na Universidade Federal do Rio Grande

Lançado em 2019, o Inova RS é um programa do governo do Estado que pretende incluir o Rio Grande do Sul no mapa global da inovação a partir da construção de parcerias estratégicas entre a sociedade civil organizada e os setores empresarial, acadêmico e governamental. O objetivo é que o Estado se torne referência em desenvolvimento regional baseado em inovação até 2030. De acordo com a previsão, a vocação da Região Sul se concentra em desenvolver especialização inteligente nas áreas de biotecnologia, automação e inteligência artificial

nos setores do agronegócio, economia do mar e saúde.

Um dos vetores identificados como potencialidade da região pelo programa Inova RS é a Economia do Mar. O programa do governo do Estado aponta como uma das principais vocações dos municípios do Sul a capacidade de gerar inovação e negócios a partir dos ambientes costeiros e portuários. A mola propulsora desse movimento está estabelecida desde 2013, quando a Universidade Federal do Rio Grande (Furg) fundou o OceanTec, parque tecnológico e científico que já traz no nome sua principal

característica. “Entendemos que o Parque Tecnológico representa o conhecimento acadêmico que a universidade tem. Sempre fomos bons em ciências do mar, somos uma cidade cercada de água e temos força nessa área. Por isso nosso parque se chama OceanTec”, explica o diretor, Artur Gibbon. Foi na Furg que nasceu o primeiro curso de Oceanografia do País, em 1970. O objetivo do OceanTec é estimular a pesquisa, o empreendedorismo e a inovação por meio da integração entre a academia, a sociedade, a iniciativa privada e os governos.

Dentro do parque funcionam startups e empresas convencionais, com cerca de 150 pessoas. Além do ambiente universitário, que dá acesso a laboratórios e grupos de pesquisa, o local promove a conexão entre empresas e empreendedores, que passam a gerar negócios entre si.

De acordo com Gibbon, a universidade volta seus esforços para consolidar na região o conceito de Economia Azul – que é a economia do mar, baseada em atividades relacionadas aos ambientes costeiros, guiada pelo princípio da sustentabilidade, tanto econômica quanto

ambiental. A ideia é que, a partir de Rio Grande, seja possível conectar as cidades banhadas pelo Oceano Atlântico e pela Lagoa dos Patos, desenvolvendo atividades inovadoras, pesquisas e negócios, estimulando atividades econômicas que distribuam renda e promovam a qualidade de vida nas cidades da região.

“Nossa visão de futuro é que a cidade seja referência internacional em Economia Azul, gerando desenvolvimento a partir das atividades relacionadas ao mar”, afirma Gibbon. Exemplo disso é a iniciativa chamada de Grande Pacto pela Inovação.

No Mapa
Econômico e Social
do RS, a **Indústria**
é o caminho.

 **São
50 mil**

fábricas em atividade
no Rio Grande do Sul

 **São
800 mil**

peças empregadas
diretamente

 **O futuro passa
pela Indústria**



ONDE TEM GENTE, TEM INDÚSTRIA.

FIERGS

 fiergs.org.br